

Educação para um Mundo Difícil¹

Os jovens que não sejam completamente frívolos estão preparados para descobrir que, no mundo de hoje, os seus impulsos de boa vontade fracassam na procura de uma qualquer linha de acção que possa diminuir os perigos do tempo presente. Não vou pretender que há uma resposta simples ou fácil para a sua desilusão, mas penso que uma educação adequada poderia fazer com que esses jovens se sentissem mais capazes de perceber os problemas e de, criticamente, julgar esta ou aquela solução sugerida.

Há inúmeras razões que tornam os nossos problemas difíceis de resolver, senão mesmo de entender. A primeira diz respeito ao facto de a sociedade e a política modernas serem governadas por capacidades difíceis que poucas pessoas entendem. O homem da ciência é o moderno curandeiro. Pode fazer todo o tipo de magia. Pode dizer "Faça-se luz" e a luz aparece. Pode aquecer-nos no Inverno e, no Verão, manter fresca a nossa comida. Pode transportar-nos através do ar, tão depressa como um tapete mágico das "1001 noites". Promete exterminar os inimigos em poucos segundos e só nos desaponta quando lhe pedimos para prometer que os nossos inimigos não nos irão exterminar. Tudo isto é conseguido por meios que só para uma pessoa num milhão não aparecem como completamente misteriosos. E quando os místicos nos contarem histórias de maravilhas futuras, não saberemos dizer se é possível ou não acreditar.

Um outro aspecto que torna o mundo moderno estonteante é o facto de os desenvolvimentos técnicos terem tornado necessária uma nova psicologia social. Desde os tempos remotos até ao século presente, o caminho para o sucesso consistia na vitória em competição. Descendemos de muitos séculos de progenitores que exterminaram os seus inimigos, ocuparam as suas terras e se tornaram ricos. Em Inglaterra, este processo deu-se no tempo de Hengist e Horsa². Nos Estados Unidos, ocorreu nos séculos XVIII e XIX. Somos assim levados admirar um certo tipo de carácter, nomeadamente, aquele que permite matar de forma eficaz e sem ressentimentos. Os seguidores mais moderados desta crença, contentam-se com infligir

¹ Russell, B. (1961). "Education for a Difficult World". In *Fact and Fiction*. Londres: George Allen & Unwin Ltd.

² Nomes dos dois irmãos que, de acordo com a tradição, lideraram a invasão *Jutish* à Bretanha e fundaram o reino de Kent. (*The Columbia Encyclopedia, Sixth Edition*. 2001, N.T.)

morte económica em vez de morte física, mas a psicologia de ambos é muito parecida. No mundo moderno, como resultado do aumento destas capacidades mortíferas, este processo já não se revela satisfatório. No mundo moderno, mesmo os vitoriosos sofrem mais do que se não tivesse havido guerra. Isto é óbvio para os britânicos, que estão a sentir os resultados de duas vitórias totais em duas grandes guerras,. O que se aplica na guerra, aplica-se também na esfera económica. Os vitoriosos numa competição não enriquecem tanto como poderiam enriquecer pela união das duas partes oponentes. Ora, a apreciação semi-consciente destes factos produz nos jovens inteligentes um impulso para uma boa-vontade geral, impulso este que é anulado pela hostilidade mútua dos grupos poderosos. Referimo-nos à boa vontade em geral, não à boa vontade em particular. Um hindu pode amar a humanidade mas não deve amar um paquistanês; um judeu pode acreditar que todos somos uma grande família, mas não se deve atrever a incluir os árabes neste sentimento; um cristão pode pensar que o seu dever é amar o próximo, mas apenas se o próximo não for comunista. Perante estes conflitos entre o geral e o particular, é impossível ter um qualquer princípio claro de acção. Dificuldade que se deve a uma incapacidade geral para adaptar a natureza humana à técnica. Os nossos *sentimentos* são apropriados a nómadas belicosos de regiões desertas. Mas, com a técnica que hoje possuímos, a menos que os nossos sentimentos se tornem mais cooperantes, seremos conduzidos ao desastre.

A educação, ao visar adaptar-se às nossas necessidades actuais, deve conduzir os jovens à compreensão dos problemas levantados por esta situação. A transmissão de conhecimento na educação teve sempre dois propósitos: por um lado, fornecer capacidades científicas e técnicas³; por outro, dar algo vago a que podemos chamar sabedoria⁴. A parte da aquisição das capacidades, torna-se cada dia mais alargada, e ameaçada cada vez mais, a parte devotada à sabedoria. Ao mesmo tempo, temos que admitir que, no nosso mundo, a sabedoria é impossível, excepto para quem percebe quão grande é o papel representado por essas capacidades, pois são elas a característica distintiva do nosso mundo. Durante a última guerra, quando jantava com os *Fellows* da minha faculdade, descobri que os cientistas estavam quase sempre ausentes mas, nas suas raras aparições, vislumbrava-se um trabalho misterioso, que poucas pessoas vivas podiam entender. Foi o trabalho de homens deste género que foi

³ Skill em inglês (N.T.)

⁴ Wisdom, em inglês (N.T.)

determinante na guerra. Estes homens formam inevitavelmente uma espécie de aristocracia, já que as suas capacidades são, e serão, raras pelo menos até que, por algum novo método, se possam aumentar as aptidões congénitas da humanidade. Por exemplo, há muito trabalho importante que apenas pode ser realizado pelos que são bons em matemática avançada. E, a imensa maioria da humanidade nunca será capaz de se tornar boa em matemática avançada, mesmo que a sua educação fosse direccionada para esse fim. Os homens não são iguais em capacidades congénitas e qualquer sistema educativo que assuma o contrário leva ao desperdício desastroso de bom material.

Mas, apesar de necessária, a capacidade científica não é de forma alguma suficiente. Uma ditadura de homens de ciência depressa se tornaria horrível. Seria fácil de comprovar que a capacidade científica sem a sabedoria pode ser puramente destrutiva. Por esta razão, se não por outra, é de grande importância que aqueles que recebem uma educação científica não sejam *meramente* científicos, mas adquiram aquele conhecimento que, caso possa ser transmitido, pode apenas sê-lo através do lado cultural da educação. A ciência permite-nos conhecer os meios para qualquer fim escolhido mas não nos ajuda a decidir que fins deveremos perseguir. Se se quiser exterminar a raça humana, a ciência mostrará como fazê-lo. Se se quiser conseguir que a raça humana seja tão numerosa que fique à beira da fome, a ciência mostrará também como o fazer. Se se quiser assegurar prosperidade adequada a toda a raça humana, a ciência dirá o que fazer. Mas a ciência não poderá dizer se um destes fins é mais desejável do que o outro. Nem dará aquela compreensão instintiva dos seres humanos que é necessária se não se pretende que as suas acções despertem uma oposição violenta que, depois, apenas uma tirania feroz poderia fazer parar. Não se pode ensinar paciência, não se pode ensinar simpatia, não se pode ensinar o sentido do destino humano. Na educação formal, e na medida em que estes aspectos podem ser ensinados, o mais provável é que resultem da aprendizagem da História e da grande Literatura.

A familiaridade com a grande literatura foi um dos objectivos da educação reclamados desde o tempo de Peisistrato⁵. De facto, os atenienses perseguiram sabiamente este

⁵ Peisistrato (605-527 B.c.), estadista ateniense, filho de Hipócrates. Foi responsável pela proeminência de Atenas no mundo grego ao unificar a região da Ática e ao melhorar rapidamente a prosperidade ateniense.

objectivo: aprendiam Homero de memória e eram capazes de apreciar os grandes dramaturgos, mesmo os seus contemporâneos. Mas os métodos modernos suplantaram tudo isto. Deram-me, quando era muito novo, um pequeno livro chamado *A Child's Guide to Literature*⁶. Neste livro, guiada por alguma inteligência sobrenatural, as crianças faziam perguntas acerca dos grandes escritores ingleses, na correcta sequência cronológica, começando por "quem foi Chaucer?". Lamento dizer que nunca fui muito adiante neste livrinho. Se tivesse avançado, teria sido capaz de dizer apenas aquilo que os examinadores esperavam que fosse dito sem ter lido uma única palavra dos autores implicados. Receio bem que a necessidade dos exames e a extensão (desnecessária) dos currículos, tenham tornado demasiado comum aquela forma de estudar literatura. Ora, uma pessoa pode tornar-se melhor por ter lido Chaucer mas, se não o ler, sabendo apenas as datas e o que sobre ele disseram críticos eminentes, isso não tornará ninguém melhor do que saber as datas de um qualquer obscuro desconhecido. O bem que deriva da grande Literatura só aparece em pleno naqueles que se lhe tornam familiares, que a deixam penetrar na textura dos seus pensamentos quotidianos. Acho pois admirável que as crianças representem Shakespeare na escola. Há então uma razão óbvia para ficar a conhecê-lo bem e, além disso, a tarefa é cooperativa em vez de competitiva. Estou certo que representar *uma* das boas peças de Shakespeare é uma forma melhor para adquirir aquilo que é valioso na educação literária do que uma leitura apressada de toda a obra. Nas gerações passadas, as pessoas de expressão inglesa tinham o mesmo tipo de treino em prosa através da familiarização com a Versão Autorizada da Bíblia mas, desde que a Bíblia se tornou desconhecida, nada de tão excelente tomou o seu lugar.

Em oposição à Literatura, no ensino da História a escassez pode ser de grande utilidade. Para aqueles que não vão ser historiadores profissionais, aquilo que nos Estados Unidos da América se chama um *survey course* pode, se bem feito, dar um sentido valioso do processo mais vasto no qual ocorrem os acontecimentos próximos e familiares. Esses cursos deveriam lidar com a História do Homem, não com a História deste ou daquele país, muito menos com a de cada um. Deveria começar com os factos mais antigos, conhecidos através da Antropologia e da Arqueologia, e dar sentido à emergência gradual daquilo que, na vida humana, dá ao Homem o lugar que merece. O

Enalteceu o prestígio cultural de Atenas com grandes festivais e construiu fontes e templos (como o grande templo de Zeus em Atenas). (N.T.)

⁶ *Guia de Literatura para as Crianças* (N.T.)

ensino da História não deveria apresentar como heróis mundiais aqueles que dizimaram o maior número de "inimigos" mas, pelo contrário, aqueles que se notabilizaram na expansão do capital mundial de conhecimento, beleza e sabedoria. Um tal ensino, deveria mostrar o estranho poder de ressurgimento daquilo que é valioso na vida humana, poder esse que desafiou o tempo, a selvajaria e o ódio, mas que, ainda assim, emerge de novo na primeira oportunidade possível, como a erva no deserto depois da chuva. Enquanto a juventude possui alguma plasticidade de desejos e esperanças, deveria ser desviada do desejo de vencer os outros seres humanos e despertada para a vontade de vencer aquilo que, até agora, encheu a vida do homem de sofrimento e tristeza – quer dizer, vencer as forças da natureza relutantes em dar os seus frutos, as forças da ignorância militante, as forças do ódio e a profunda subjugação ao medo, herança da original impotência da humanidade. Tudo isto deveria e poderia ser dado por um *survey* em História. Tudo isto, se entrar na textura diária do pensamento humano, tornará os homens menos precipitados e loucos.

Uma das maiores capacidades que a educação pode e deve dar é o poder de vislumbrar o geral no particular; o poder de sentir que, apesar de isto estar a acontecer-me a *mim*, é muito parecido com o que acontece aos outros, com o que aconteceu durante séculos e com o que pode continuar a acontecer. É fácil sentir que a desgraça de cada um, as injustiças que sofremos ou as malevolências de que somos alvo são especiais e peculiares. Isto aplica-se não só ao próprio, como à sua família, classe, nação, ou mesmo continente. Porém, em resultado da educação, é possível ver esses acontecimentos com justiça imparcial. De outro modo, é improvável alcançar jamais essa imparcialidade.

A Educação pode conseguir tudo isto. Tudo isto deve ser feito pela educação. Pouco disto é feito pela educação.